



BARRACAS ANNAMITAS.

As diversas regiões que occupam a parte oriental da India de além do Ganges, e que outrora formavam estados distinctos, constituem o paiz comprehendido do 9.º até o 23.º grau de latitude norte, e de 118 gr. e 30 m. até 127 e 30 de longitude, limitando o ao norte a China e seu mar, ao sul o mesmo mar, e ao occidente o reino de Sião. Todos aquelles estados compoem agora o imperio de Annam, que os nossos antigos denominavam Ainão, abrangendó o Tonkin, a Cochinchina, Tsiampí (1) Camboja, Lao e mais alguns. Em geral os habitantes procedem da raça mogol e são parecidos aos chins, porém mais robustos, e o seu idioma e escripta derivam do Chim.

Dividem-se em duas crenças religiosas; a primeira, que só o povo professa, mas que é sancionada pelas leis, tem muita relação com a do Fo dos chins, a qual tambem não é mais do que uma derivação do buddhismo, e pode considerar-se verdadeira idolatria; a sua base é o polytheismo, porque admitte

(1) Tsiampá é a que os nossos escriptores chamaram Champá. Ainão é propriamente uma ilha na boca da enseada da Cochinchina. Cantou o Camões:

Vés corre a costa que Champá se chama,
Cuja matta é do pau cheiroso ornada;
Ves Cauchichina está de escura fama,
E de Ainam vê a incognita enseada.

CANTO 10.º EST. 129.

VOL. V. — 3.ª SÉRIE.

muitos entes sobrenaturaes, existentes por força propria, e investidos de poder independente, posto que desigual entre elles; até creem que foram divinizados homens só pelo impulso de suas virtudes e sem participação das outras divindades; porém, o poder que attribuem aos deuses de diversas categorias é necessariamente limitado, porque julgam tudo subordinado a certa ordem immutavel de destinos.

Eis o que a este respeito diz o sr. José Ignacio de Andrade na 56.ª das suas *Cartas da India e da China*.

— «A seita mais em voga na China ha 1760 annos é a de Boudha, divindade a que os chinezes chamam Fó. Póde considerar-se a religião da plebe. No anno 65 da era christã o imperador Ming-Ti sonhou ter apparecido no occidente o homem santo indicado nas obras de Confucio. Mandou enviados em sua procura; estes julgaram acha-lo no paiz dos Lamas, no idolo de Fó! Conduziram gostosos esse bocado de pau, julgando levar a imagem do homem santo, acompanhada de bonzos semeadores das fabulas que encerra a seita de Boudha, ainda mais em voga na Cochinchina e no reino de Sião».

Os principaes personagens do Estado, sobretudo os que cultivam as letras, desprezam aquella crença e seus ritos extravagantes, e submettem-se ao culto dos idolos por deferencia para com a lei e melindre com as preoccupações populares; preferem a doutrina

MAIO 17, 1856.

C. M. L.
G. A. P.
DE L.
OLISIPO

na de Confucio, o oraculo da China e não menos respeitado no imperio de Ainão; erigem-lhe templos, fazem em sua honra sacrificios e libações; considerando-o um ente superior ao homem o invocam para obterem as luzes necessarias á intelligencia de seus livros, e como a aquisição d'esta sciencia é o objecto principal do culto, não admittem a elle as mulheres.

Os bonzos ou padres gozam pouca auctoridade no imperio e só dirigem as cerimoniaes religiosas; unicamente no Lao os padres chamados talapões como em Siam arrogaram a si poder amplo, de que abusam para opprimir o povo.

Quando dilatámos o nosso dominio na Asia, os missionarios portuguezes introduziram (abi pelos principios do seculo 17.º) o christianismo, e o numero dos proselytos augmentou em pouco tempo; comtudo sobrevieram os edictos sanguinarios dos potentados que vedavam o exercicio do culto catholico, recrudescceu a severidade contra os christãos, e muitos missionarios colheram a palma do martyrio: veja-se o livro *Noticias summarias das perseguições da Missão de Cochinchina*, impresso em Lisboa no anno de 1700.

Em todas as artes e nomeadamente nas de construcção os annamitas são talvez os mais atrasados entre os povos asiaticos; nas habitações particulares parece que não tem outro pensamento senão preservar da chuva e do ardor do sol; quanto ao frio, poucas são as precauções que tem de tomar, porque o clima lh'as dispensa. Como o terreno é geralmente humido levantam as casas sobre uma plataforma de terra batida. Comtudo, algumas cidades ha onde as vivendas são mais commodas e esmeradas; as casas de Fai-Fó, construidas de tijolos e cal e com seus telhados offerecem alguma apparencia de solidez e accio; mas, em compensação não muito distantes ficam as barracas de Touranne que parecem mais estabulos do que habitações humanas.

M.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(continuação.)

Abrilhantada por esta aureola que vol-a mostra como um ente superior, o homem inclina-se respeitoso diante della; seu amor eleva-se, purifica-se, chega até ao heroismo, e só aspira a uma grande felicidade, á de unir a sua com a alma tão bella desta virgem, com o mesmo fervor que á união das suas mãos emblema da dos corpos de ambos.

Mas se n'este estado o devasso a escarnece, e mais ainda áquelles que a respeitam; porque incapaz de aperfeiçoamento tambem não pode ser capaz de comprehender por que maravilhosos e escondidos meios pode a virgem ser companheira e auxiliar do homem, e ensinal-o a impor o freio da moralidade á paixão mais impetuosa do seu coração, e a eleva-lo á pratica das grandes virtudes sociaes; ha um outro que irrita o escravo da sensualidade e do egoismo brutal, que o põe fora de si, choleric: é o da virgem dedicada a Deus no claustro, tendo o rosto cuberto com o mysterioso véu da consagração religiosa.

Convinha que o homem se consagrasse inteiramente a Deus em sacrificio, como Deus se tinha crucificado pelo homem; mas esta consagração não seria

inteira se a mulher, que é o complemento do homem se não offeresse tambem a Deus, em sacrificio, e não podesse por este modo ser tambem o auxilio e a companheira do homem, como Deus quiz que fosse. É pois este um novo aspecto em que devemos considerar a mulher catholica, desempenhando a sua missão augusta.

O celibato religioso tem na mulher alguma coisa de tão divino, que o homem não pôde olhar para elle com indifferença; ou ha de cercal-o de todos os seus respeitos, d'um culto, ou ha de proromper em invectivas contra elle, impugnal-o com todas as suas coleras; e como não seria assim, se a mulher em nenhum outro estado offerece ao homens lições mais eloquentes e sublimes? Mostrando-lhe que não carece de sua protecção porque tem um protector mais alto e eterno, alcançando sobre si uma victoria de todos os dias, de todas as horas, de todos os momentos, sem esforço, sem ostentação; mostra-se mais que homem pois não aspira a ser homem; ensina-o a domar tambem as suas paixões, offerecendo-se-lhe em exemplo ella mais fraca, mais timida; recorda-lhe que acima de nós há um ente que nos creou, de quem todos dependemos, e cuja protecção gratuita nunca falta a quem deveras a sollicita; e o homem, instruido, convidado, animado pelo que vê, possue-se d'uma santa emulação, vai seguindo os passos e segurando a mão que o dirige, e reformando-se a si mesmo, domando a sua fraqueza, pratica talvez por imitação ao principio, mais tarde por propria satisfação os exemplos e as lições que recebe, e mais tarde exprime nas leis os seus sentimentos em principios que regulam, purificam e civilisam a sociedade. E eis como ainda no claustro, e mais ainda talvez n'elle que n'outra parte a mulher é a companheira e a auxiliar do homem.

Sacerdocio augusto é este da mulher, mas com a condição de que em todas as suas gradações ha de ser exercido pelo coração, que ha de ser sanctificado pela charidade, esse amor que em si encerra e coroa todos os amores puros e santos da vida!

Por isso tambem contra ella aqui se desencadeam mas ferozes as iras do homem perverso; por isso elle persegue estas instituições santas, excita contra ellas todas as más paixões, e grosseiramente as ataca no seu fim e no seu objecto. E isso porque? porque não ha nada mais respeitavel entre os homens que esta dedicação da mulher que se vota pelo homem para o ajudar a salvar-se; que conhece ser esse o seu principal fim neste mundo, sua missão, seu ministério, e tambem sua gloria, sua grandeza e sua dignidade.

Não o estamos nós vendo todos os dias? Aquellas que se dedicam á educação da mocidade do seu mesmo sexo; aquellas que vão occupar o quarto do enfermo para lhe administrar os medicamentos, e até os ultimos soccorros, e lhe cerram os olhos; aquellas que extendem os braços ás desgraçadas habitantes do prostibulo, dizendo com o Salvador: « eu não vim para chamar os justos, mas os peccadores; » e finalmente aquellas que passam os dias em santas austeridades oppondo-se com as suas orações, como um escudo de bronze, aos effeitos da cholera do Senhor. e convertem os castigos de sua ira em torrentes de benções sobre o genero humano; todas ellas sem excepção accendem a sua raiva e provocam as explosões de sua bilis, tanto contra si, como contra Aquelle que, em seus sublimes conselhos, designou a virgindade como uma das virtudes mais bellas que possam ornar a corôa de um christão.

Lêmos, não nos lembra agora onde, que a mulher hade ser melhor que o homem, ou peor do que elle: e onde é que ella póde chegar a esta meta da perfeição humana, senão na Igreja catholica? É só aqui que ella não aspira a ser homem; é só aqui que se contenta com o papel na apparencia modesto, mas na realidade sublime que Deus lhe assignou sobre a terra, e que desempenhando-o completamente póde conseguir todas as grandezas, porque póde offerecer o exemplo de todas as dedicações. Comparemos a mulher no interior de sua casa, affeiçãoando o coração de seus filhos á pratica de todas as virtudes, educando-os, fazendo delles homens pelo imperio de amor, pela sua ternura quasi illimitada; comparemol-a com o legislador, com o ministro, com o rei governando a sociedade pelo temor, pelo espectáculo dos castigos; qual é melhor, qual é superior? O soldado que affronta a morte no campo da batalha, que sobe impavido ao assalto no meio d'uma chuva de ballas, e d'uma saraivada de metralha é um heroe; mas comparemos o seu heroismo com o da irmã da caridade que o espera no hospital ou na ambulancia, que lhe cura as feridas, lhe applica os inguentos, encosta ao seu peito aquella cabeça abrasada por uma febre mortal, que ás vezes se lhe communica a ella; qual é maior heroismo? O pratico que faz uma operação brilhante, que por meio de dores atrozes arranca á sepultura o homem que tem diante de si quasi moribundo, esse homem provoca os nossos respeito: mas comparemol-o com a mãe que no meio de dores atrozes dá a vida a um filho, e acolhe com um beijo e um sorriso d'amor os primeiros vagidos do ente que para ter a existencia poz em perigo a sua; qual acção é mais sublime? É aquella vai embriagar-se nos louvores, cheio de sua sciencia, e essa vai na sua humildade christã prostrar-se diante dos altares para offerecer a Deus o fructo de seus castos amores.

Não, o homem, ainda o mais christão, não sabe, não póde assim dedicar-se. Não vemos nós dez, cem irmãs hospitaleiras por um frade de S. João de Deus? Vemos: ainda mal, que em Portugal não podemos fazer esta comparação. Aqui está como a mulher póde ser, e é mesmo, melhor que o homem.

Não nos explica isto a razão porque todos os dissolutos, e os que aspiram á honra de parecel-o, a opprimem com os seus grosseiros epigrammas, com as suas torpes insinuações, com as injurias mais sanguinolentas? passemos pelos olhos os romances, os artigos fugitivos e os noticiarios dos jornaes, e convencer-nos-hemos d'isto, lendo essas linhas que querem affectar indifferença e desprezo, e que são a expressão do odio. Dir-se-ia que enfurecidos por verem na mulher catholica um anjo sobre a terra, desesperados por não poderem transformal-a em demonio, vingam-se da impotencia de seu materialismo arrojando-lhe frases saturadas de odio caricato, que aspira a ser um espirituoso desdem.

A mulher que não tiver força para ser melhor do que o homem tem de ser peor do que elle. Já vimos onde é que ella pode achar essa força da alma, força que n'outra parte não poderá encontral-a. Algumas vão procurar essa força á philosophia, mas oh que philosophia! não nos admitemos pois se essas não chegam a captivar as attensões do homem, que só adquiram as suas repugnancias, e as mais das vezes os seus despresos. Citaremos apenas tres exemplos, que satisfazem plenamente o ideal da mulher philosophica. Isabel d'Inglaterra, a quem o servilismo d'uma corte corrompida e cruel deferiu a qualificação de

virgem, que a historia conservou por antithese. Este Nero de saias lacerando o testamento de seu pae que tinha estabelecido uma missa perpetua por sua alma, preludiou por este acto de sua philosophia áquelle reinado de sangue que não poupou sua prima, rainha independente, e os seus proprios amantes.

Catharina segunda, não contente de forçar seu marido a abdicar, o mandou estrangular na prisão, para dar começo áquelle reinado de monstruosa philosophia, que lhe deu uma tão triste celebridade na historia.

O melhor typo destas mulheres é Mme. Roland, a mulher do celebre ministro deste nome. Não quero, nem devo calumniar sua memoria, que não desejo ultrajar pondo-a em tão má companhia: mas realmente o que foi ella? Uma intrigante, devorada de fanatismo e de ambição philosophica, paixões a que sacrificou seu rei, seu marido, sua patria, e a si propria; pois largou a cabeça na fatal alcova da guillotina.

Nenhuma destas mulheres excita as fibras sensiveis do coração humano; pelo contrario cançam-n'o quando o não anseiam. Ha em nós uma repugnancia que não se explica e que é invencivel, que nos affasta os olhos para que não se demorem nestas mulheres, que não tiveram de seu sexo senão as vestes e as formas exteriores. Ensoberbecidas por essa philosophia vã ou dissoluta, quizeram ser homens no que elles tem de grosseiro, os appetites sensuaes ou a ambição do mando, porque não souberam contentar-se com o titulo angelico de companheiras e auxilio do homem, e applicar o seu coração ao exercicio deste ministerio sublime na sua humildade. Cuidaram que deviam dominar o homem, e que a sua missão era essa, e nunca passaram de ser despreziveis, ou miserandas escravas de suas paixões ou de seu capricho. Não os melhoraram, preverteram-nos e preverteram-se.

Continua.)

SOUZA MONTEIRO.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUGUESES

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

(Continuação.)

II

Seria temeridade assentar, como proposição absoluta, que a poesia sob qualquer das suas fórmulas, é sempre a expressão genuina e caracteristica dos acontecimentos do mundo exterior. Mas tambem seria fugir a todas as indicações da analyse e negar as demonstrações mais evidentes dos factos, querer provar que a physionomia da sociedade não transparece e se reproduz, nas suas feições mais proeminentes, nos seus traços mais individuaes, nos seus gestos mais significativos da paixão, e do sentimento, em todas as obras da imaginação.

A poesia poderá só attingir as bellezas de fórma que a aproximam dos modelos eternos da perfeição e do bello, nos retiros pacificos da soledade, ou na isolação meditativa das concentrações do espirito, e ahi unicamente soltar esses grandes vôos que a elevam a toda a altura das regiões serenas da idealidade e do verdadeiro culto da religião dos senti-

mentos puros e generosos que mais germinam e se completam fóra da atmosphera tempestuosa dos affectos e ambições sociaes. Mas tambem é verdade que a alma do poeta, relugindo do contacto turbulento dos sociedades existentes, para voar solitaria e placida, pelo ceu das contemplações infinitas, e de lá olhar o mundo e os homens, não como elles são, não como elles se transformam e modificam todos os dias no excesso de suas paixões e delirios, não como elles se manifestam no movimento vertiginoso, apaixonado e por vezes ridiculo da sua existencia em commum, mas como os concebem os raptos generosos da sua phantasia; uma tal aberração da parte do poeta, não faz mais do que tomar as perspectivas risinhas da sua mente pelas realidades da vida positiva, e crer que os devancios e illusões do seu imaginar são o typo invariavel da verdade humana.

O poeta assim divorciado de todas as alternativas das ligações moraes e das manifestações progressivas e infinitamente variaveis dos successos da vida real, e só entregue ás divagações e tendências do seu mundo interior, ou aos prazeres da imitação litteraria dos bons modellos, torna-se apenas ou um continuador d'esses talentos fatalmente elegiacos de que René, Obermann e Chatterton são personificações admiraveis, ou a reproducção do classico nas suas mais facticias e convencionaes combinações, como o fizeram Delille, Pope e Young.

A litteratura, e a poesia principalmente, como a expressão mais ardente e arrojada da imaginação, não pôde deixar de se inspirar de todos os accidentes que resumem a vida nas suas demonstrações positivas, pois é na variedade e elevação d'esses accidentes que muitas vezes encontra os germens de inspirações até ahí desconhecidas ou o estímulo de concepções que debalde procuraria no recolhimento das cogitações profundas, ou mesmo nos seus devancios de abstracção.

Quando porém esses successos da vida real desenvolvem os espectaculos lastimaveis das grandes perturbações sociaes, das luctas infindas das idéas e das paixões, d'esse conflicto de factos e aspirações, de esperanças e amargas realidades, sabem os Byrons, os Chateaubriand, os Victor Hugo, os Lamartine, os Garrett, os Mazzoni, que rompem em apostrophes sublimes contra os tyrannos das liberdades publicas, e protestam em nome do genio e da razão em favor dos mais sacrosantos direitos da dignidade e da intelligencia humana.

Quando a sociedade corre serena em toda a tranquillidade de uma existencia florescente, sem que factos imprevistos toquem a sua atmosphera pura de inquietações e conflictos, as imaginações dos homens de letras, faltas de estímulo e dos aspectos attractivos da instabilidade da vida publica, voltam-se para a historia, ou para as perspectivas e riquezas da criação animada em busca dos seus melhores assumptos, e é então que nos apparecem Racine e Thompson, Garcilazo de la Vega e Metastazio.

Quando porém as revoluções politicas tem levado a confusão, o labyrintho, a desordem a todas as condições da sociedade, e que o seu estado é apenas um desses deploraveis e risiveis estados de transicção em que avultam, em toda a sua evidencia repugnante e prosaica, as contradicções, incoherencias, ridiculos, e miserias das classes que se deslocam e das classes que tomam assento, dos direitos offendidos e dos direitos inaugurados, das instituições que a onda revolucionaria abateu e levou no furor da ressaca, e das instituições recentes que a pretenção, a vaidade

a insufficiencia tentam de novo erguer; quando as sociedades mostram uma destas phases, então a veia satyrica de Beaumarchais incendiada pela malignidade do espirito sarcastico de Rabelais, atea-se n'uma effervescencia que necessita de desafogo, de expansão, porque esse desafogo e expansão são o unico protesto solemne que é dado fazer ao talento e á razão contra as prepotencias, orgulhos e desigualdades de quanto *bourgeois gentilhomme* e George Dandin a tyrannia do acaso e os sopros da fortuna atiraram para as preeminencias da vida social e politica.

É a estas razões de eterno ridiculo que o mundo deve a existencia dessa grande familia de poetas pamphletarios, monarchas do grotesco, que desde Aristophanes até Molière, e desde Cervantes até Casti se incumbiram de vindicar a intelligencia e a dignidade, ultrajadas pelas pretenções dos *parvenus* de todas as epochas e paizes.

O nosso Parnaso é rico n'esta especie. Sá de Miranda, Diniz, Tolentino e Agostinho de Macedo são, sob diversas formas e intuitos mui distinctos, talentos notaveis no genero. *La boucle de cheveux enlevée* de Pope e o *Lulrin* de Boileau não tem por certo aquelle chiste e atticismo satyrico que fazem sorrir as proprias victimas como os chistosos e caracteristicos episodios de *Hyssope*.

Tanta é a verdade dos seus traços, e agudo e delicado o estilete da sua critica! Mesmo o que ha no *Vert vert* de Gresset ou na *Chartreuse*, e ainda nas satyras de Despreaux, que se possa comparar com a graça desprerenciosa, tão finamente maligna, tão colorida e animada do natural de Nicoláu Tolentino? As suas *satiras ao bilhar*, e ao *Passeio*, só por si, valem todas as satiras *à mon esprit*, que o critico francez podesse compor. Ha naquelle mais naturalidade; o epigramma nasce-lhe mais espontaneo e oportuno; e a fórmula ajuda apenas a idéa, sem se entrever o esforço da pretenção litteraria.

Ora o sr. Faustino Xavier de Novaes, pela indole da sua vocação poetica, pelas circumstancias da epocha que mais tem concorrido para a excitar e desenvolver, e até por todas as questões de forma que se possam ventilar acerca das poesias que acaba de colligir, pertence inquestionavelmente a esta familia de genios que erigem em seus versos um pe-lourinho inexoravel aos ridiculos da sociedade. E que sociedade a presente, e que seculo este para aquecerem a veia motejadora do poeta! Sociedade em que as classes se veem approximadas, não para se fundirem ou completarem em generosas e nobres aspirações, mas para se invectivarem e repellirem, onde a alegria apparente toma a forma da ironia covarde; onde as pretenções são contrastadas pelas maneiras; onde a unica paixão viva, obstinada, é a vaidade; a mola absoluta, o interesse; o escudo do pudor, a desconfiança!

(Continua)

ANDRADE FERREIRA.

OS CAMINHOS DE FERRO EM RELAÇÃO AOS SEUS ACCIONISTAS.

Sem fundamento secrê geralmente entre nós, que os caminhos de ferro, que fazem a prosperidade do paiz que atravessam, deixam resultados não mui lisongeiros, e frequentemente tristes, aos capitães empregados nelles. É preciso desvanecer este erro. Para

isso bastam os argumentos decisivos, que offerece a historia mercantil destas vias de communicação.

Ponhamos de parte o resultado da exploração das linhas hespanholas, que não ha fazer fundamento nelle, quando salvas poucas excepções, as qualidades menos vituperaveis que com frequencia se lhe encontram são a ignorancia e o desconcerto. Olhemos para os resultados obtidos na Gran-Bretanha, Allemanha, Belgica, e sobre tudo na França que ali é que está a verdadeira lição, o verdadeiro exemplo a companhias de caminhos de ferro.

Quando se construíram as principaes linhas inglezas, grandes foram os gastos que originaram as condições facultativas dos traçados. A construcção das machinas estava mui atrasada: Os seus meios mui demorados e dispendiosos. Não havia ainda a experiencia, que se não consegue, senão á custa de perdas dispendiosas; e todas estas, (que não apparecem nos caminhos modernos) elevando os capitaes de construcção diminuiam os seus interesses.

Bem depressa se seguiu a isto a concorrência com vantagens para o publico, e tristes resultados para os accionistas. Na carreira de Londres a Birmingham, triplicaram-se os caminhos, duplicaram-se as vias em cada caminho, todos rivalisando em luxo, entre si e o canal!

Tal é a origem dos poucos lucros dos caminhos ingleses, não tão pequenos como á primeira vista parece absolutamente, porque se deve attender ao preço do dinheiro em Inglaterra. Tal é a causa porque as suas acções se negociam abaixo do par, e as mais favorecidas com pouco premio, ao passo que em França não ha nenhuma que se venda com prejuizo e muitas, quasi todas, tem grandes beneficios.

Na Irlanda, onde se teve muito em vista a economia, tem-se repartido dividendos de 12 por cento.

Os accionistas das linhas allemãs tem tirado lucros que fazem inveja. Elevar as descidas, rebaixar o raio das curvas, introduzir o material americano que é mais barato, diminuir a velocidade dos trens até empregar cavallos no reboque n'algumas secções de linhas importantes, foi a sua varinha de condão.

Os capitalistas francezes como os nossos, foi mui timidamente que entraram em empresas de caminhos de ferro. As epochas criticas porque passaram os seus valores, quando por tres vezes se intentou organizar a companhia de Leão, e com grandes sacrificios se constituia a de Strasburgo, não prometiam os resultados felizes que tem tido, nem a extrema avidez com que hoje se sollicitam os seus beneficios, vendo-se que em todas as linhas principaes os capitaes compromettidos estão mais que duplicados em pouco annos.

As acções da companhia de Orleans emittidas em 1838 a 500 francos, depois de se terem vendido nos primeiros annos com perda, chegaram a cotar-se em 1847 a 1:400 francos. Havendo-se verificado em janeiro 1852 uma fusão entre a companhia de Orleans central, de Orleans a Bordeus, e de Tours a Nantes, receberam os accionistas da primeira por cinco acções primitivas, e mediante uma distribuição de 1:500 francos, oito acções novas, que em 1855 se cotaram a 1:260 francos cada uma. Assim o possuidor das primeiras acções de Orleans achou-se com um capital mais de duas vezes e meia superior ao que desembolçara.

Os interesses das acções tem seguido a mesma progressão. Os correspondentes ao anno de 1855 subiram a 80 francos, isto é 16,70 do capital primitivo.

As acções do caminho de ferro de Pariz a Leão che-

garam a valer 1:268 francos no anno findo; as do Mediterraneo, favorecidas com as expedições ao Oriente, 1:375 francos. Estes valores representam tambem mais de duas vezes e meia o primeiro capital.

As acções do caminho de Pariz a Ruão, tronco das linhas do Hayre e de Dieppe, foram, pela fusão com a companhia d'Oeste, trocadas por acções novas a razão d'uma e meia d'esta, por uma da de Ruão. Como o preço das novas acções chegou em 1855 a ser de 840 francos, o valor das de Ruão era de 1:260 francos, ou mais de duas vezes e meia capital.

Até os fundos invertidos em linhas secundarias tem dado grande resultados.

As acções primitivas de linha de Orleans a Bordeus, expedidas a 275 francos, e trocadas a razão de tres por uma da companhia da fusão, obtiveram 50 por cento de augmento de capital, e um producto de mais de 10 por cento.

Do quadro comparativo dos valores da renda do estado, e dos caminhos de ferro francezes na bolsa de Pariz, durante os ultimos annos, se deprehende que ainda que as cotações dos caminhos de ferro padeçam as influencias da politica como a renda do estado e como todos os valores publicos; não são proporcionalmente tão castigadas em suas oscillações. Em circumstancias normaes as cotações dos caminhos de ferro seguem sempre progressão ascendente. Isto explica-se. O commercio e as transacções augmentam sem cessar. Assim e como consequencia immediata do transporte de pessoas e mercadorias, os seus proventos vão subindo.

D'aqui a preferencia que sobre outros valores tem os caminhos de ferro, para os que poem a render seus capitaes, sempre que augmentam. D'aqui o interessarem-se os especuladores na construcção dos caminhos de ferro, porque, querendo alienar seus valores facilmente, escolhendo estes para suas operações acham sempre, e com alta progressiva, compradores certos. Nem d'outro modo as primeiras fortunas da Europa se teriam interessado com grandes cabe-das n'esta industria, que a seu turno tem sido para o talento previsor e para a actividade exemplar origem de poderosas fortunas.

Taes são os resultados que a França tem alcançado, e se ella os ebeve atravez de perturbações politicas, no meio das preocupações, das necessidades, e dos obstaculos impostos por uma guerra estrangeira, que promettia abalar o velho mundo, muito é o que Portugal deve esperar, ensinado pela experiencia das demais nações, se agora que se restabelece a paz europea, proseguir com zelo illustrado na sua linha de leste, que, entroncando na de Hespanha, hade pol-o em communicação instantanea com toda a Europa.

Empresas de caminhos de ferro em Portugal, não podem deixar de ser productivas. Não temos, como em Inglaterra, as despezas da informação parlamentar. As condições dos traçados modernos, a nova força das machinas, as articulações dos trens, diminuem as causas dos gastos. O, comparativamente, baixo valor do solo reduz a despeza das expropriações. Os salarios são economicos, não obstante tenderem a augmentar pela nossa deficiente população, e por algum incremento que não tido as obras publicas. Assim os capitaes reclamados pela mão d'obra podem considerar-se mui aliviados. Em fim as liberdades concedidas ao material de ferro estrangeiro, e outras, entre ellas a bem fundada esperanza de explorar e consumir o combustivel nacional, devem dar animo para muito.

Haja vista ao que disse ha pouco a *Revista de caminos de hierro y de telégrafos electricos*, e ver-se-ha que já em Hespanha considerações semelhantes actuam muito sobre o espirito publico.

(Continúa)

JOSÉ DE TORRES.

FASTOS AÇORIANOS.

IV.

MAIAS.

(Continuação.)

«Até os nossos dias dura o antigo costume, que nos herdaram os pagãos, de festejar nesse dia a vinda da primavera.»

A. HERCULANO—MONGE DE CISTER.

Que sequito de flores, de folgares, e de maias enfeitadas que ahí vem! Com o maio florem campos: — sol de meioda primavera aquece e vivifica: — ceu limpido traz desterradas tormentas invernaes, e só breve orvalho matutino, transformado em perlas e aljofares, refresca-as sedes da campina, matisa o verde das plantas e o purpureo das flores, dá frescura e novo animo a toda a criação!

Como a natureza sorri embevecida á primeira claridade oriental: Como o homem, despertando de sonho magico, com olhos meio esquivos á luz, saúda o dia, extatico na contemplação das maravilhas deste quadro sublime, que através do veu diaphano do ultimo nevoeiro, que se eleva para abraçar o sol, ainda surgem como d'um encantamento!

Toda a terra se desentranha em hymnos d'amor e poesia: em toda a arvore em todo o bosque, ha côro de alados musicos, que nas estrophes tão harmoniosas, tão compassadas, tão artisticas de seus gorgeios pagam como podem o eterno reconhecimento da creatura ao Creador!

E acaso o homem, com tantas péchas de ingratição e insensatez de que é possesso, ousaria desafinar no meio de tão geral harmonia?

Porque tudo ri e sorri, irá, com sardonica e homicida zombaria de sceptico, envenenar, desfolhar a grinalda viçosa, inlutar as alegrias que o coração ingenuo aspira com deliciosa sofreguidão?

Não, não irá.

Senhor desta terra de transição tu amas, oh homem, o desterro em que foste creado: amal-o como o natchez ama a floresta e a solidão em que primeiro viu sorrir o rosto maternal; como o arabe, afeito á vida errante do deserto, se delicia nos perigos e provações, e de tudo se compensa mudando de estancia e horisonte.

Não será, pois, o homem, o unico indifferente em meio de toda a natureza, que com tão virentes galas festeja o nosso maio. Convidam-no a dança e o festim a gosar, na amavel companhia dos campos, a doce singelesa, limpa de traças e ambições, que outras não ha lá senão as que significam trabalho e amor: hade alli antever felicidades terrenas que não sonhava, e ai d'elle, novo Tantaló, que nem poderá aproximar-se d'ellas, se o halito apestado da corrupção lhe tiver já embaciado o candido espelho d'alma.

Os *Fastos* são a epopea dos campos. Em vão a ci-

dade pretende compor-se com as galas que lhes usurpa: são atavios postiços, flores desbotadas por outro clima, que lhe vão mal, e tão mal como á peccadora a tunica nevada e o lyrio da candura. Uns e outros, males e bens, não estão bem reunidos. Symbolos da innocencia, a innocentes que os não manchem: luto aos que venderam o affecto fadado para rescender perfumes, e abaterem para a terra o vóo elevado da alma!

Que nem tunica nem lyrio, lhes sejam maior vergonha; e pregão de mentira metamorphose.

É por isso que nos está o espirito a refugir sempre para os campos, cujos são os nossos *Fastos*. Na cidade, nessa, quasi nem se acha memoria, e jámais inspiração, que com tão jucundo assumpto se entrelace. Aos campos, meus amigos, que para elles nos estão com namorados convites chamando este dia e estas festas!

Quem ha ahí, que entre cantos e folgares, entre o fazer e enfeitar de maias, não se tenha com toda a sem cerimonia campestre deliciado com fumegantes papas?

Quem ha, que não tenha fantasiado vestes surprehendentes e variegadas, para vestir e mascarar neste primeiro dia de maio, um corpazil de palha?

Quem ha, que não sorria, vendo nas maias que occupam nas janellas, e sacadas; que campeam nos balcões e sobre os tapumes das quintas, por onde este dia se consome, uma ingenua diversão do povo, e treguas a maiores cuidados?

Ante o boneco estremado que a mãe ou a mais velha das irmãs fez surgir do nada, como o mundo do cahos, exultam, saltam, tripudeam as creanças. E nem é isto só alegria da infancia e distracção d'adultos, que as boas das nossas maias são tambem ludibrio de miopes! Vel-as com o toucado tão composto, com o vestido tão garrido, com a posição tão senhoril, ou com o garbo incomparavel de matrona romana, como hade o pobre miope resistir-lhe que se não desbarrete, e desfaça em zombaias respeitadas?

São as maias festim domestico para todos: ás creanças pular e gaitear com liberdade; aos velhos suspirar pelo passado, e viver agora do contagio das alheias impressões. O que não será para aquelles que estão na idade descuidada, em que, na expressão do poeta:

«L'amour c'est un devoir, l'ennui c'est un crime?»

Para esses estes dias e estas festas, são a vida. Do coração derivam a lei e a fé de que não desdizem, e com que transformam tudo em paraizo. Ninguem ha mais feliz neste dia, que a mocidade em seu *exileio d'alma ledo e cego!* Tanta tragedia, e tanto veneno, e tantas amarguras quotidianas que a existencia tem, se não fossem as doçuras ou illusões colhidas nessa quadra fatidica da mocidade, como poderá o homem arrastar a pesada cadêa dos annos? Assim é que para moços nem mesmo este dia tem dimensões taes, que bastem a fatar os que reunidos se bem querem! Quereis ouvir conto singelo, que em confirmação d'isto se conserva na vaga tradição do nosso povo? Escutai.

Era uma vez um dia, em que moça camponeza fóra ao amanhecer mugir cantaro de leite para as maias.

Tornando do aprisco eis que lhe surge da primeira encruzilhada o pastor querido d'esta bella filha das montanhas!

Em larga pratica d'amores e venturas do futuro se detiveram então! Ternuras que alli se disseram, suspiros que na brisa suave se perderam, juras apaixonadas que ambos empenharam, não o saberemos dizer. Que o adivinhe quem tiver coração fadado para a feitiçaria d'amores, e já por si lhes tenha experimentado as delicias!

Entretanto correrá o tempo, desapparecera o sol, acercava-se a noite, e o dia inteiro passára desaparecido dos dois!

Sentida, mas forçosa, foi a separação! Não o foi mais penivel aquella primeira despedida do senhor de Bussy e Diana de Meridor na tapada do velho barão!

Foi então que por derradeiro adens ambos os nossos camponeses soltaram esta affectuosa endeiça:

«Dia de maio,
Da má ventura,
Mal é manhã,
J'é noite escura!»

E ainda duvidarão, que nem dia de maio abasta a palestra d'amores?

Das Hespanhas, que as herdára da antiga Roma, não conservamos prestitos processionaes, carros de triumpho para a moça rainha da festa, vestidá com magnificencia, toucada de flores, e puchada por outras raparigas que lhe cantem louvores, e peçam dinheiro aos viandantes: não expomos no primeiro dia de maio, e em todos os domingos d'este mez, sobre mesas cobertas de seda, estantes nas ruas, casal de meninos bem adornado e florido, pedindo offertas aos que passam, com um côro d'outras creanças, cantando loas que tambem se dizem *maias*. O apparatus e representações publicas d'este dia são nos Açores desconhecidos, mas em compensação as reuniões e intimos folguedos campestres se acatam religiosamente, e recordam todo o anno com saudade.

(Continua.)

JOSÉ DE TORRES.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1578 — 1583.)

Já tivemos occasião de ponderar, que um dos mais importantes successos da historia moderna, que pelas suas consequencias exerceram geral influencia na politica e relações internacionaes de toda a Europa, foi cingir o poderoso monarcha hespanhol D. Filipe II, o diadema caído da cabeça encanecida do cardinal-rei D. Henrique I de Portugal.

Não é mui remota a epocha em que, com aquelle grande drama politico de que a historia até hoje apenas tem feito os contornos geraes, se representaram muitos outros dramas, curiosissimos pelos accidentes, aproveitaveis pela licção, mas ainda geralmente desconhecidos.

É por isso que muitas vezes a ligação dos successos que se tem popularizado mais, é difficil d'achar, e por manuscriptos contemporaneos, rarissimos, (se não pela maior parte estranhos ao commum dos bibliophilos) ou por documentos sumidos na vastidão de archivos, maxime estrangeiros, andam dispersos e parcellados os membros d'aquelle grande corpo.

A nossa historia accusa nesta parte uma grande lacuna. É uma verdade, que commumente se não suspeita, que as scenas mais importantes daquella epocha não passaram no continente. Algumas côrtes da

Europa, e sobre tudo as ilhas dos Açores, foram o seu theatro principal. Poucos dias bastáram ás armas de Filipe II para consumarem a conquista de Portugal.

Só aquellas ilhas, unica parte da monarchia que ousou resistir-lhes, foram dez annos testemunhas do empenho com que se pretendeu, sem exito feliz, abalar o poder do monarcha luso-hispano.

É por isso que, em quanto não apparece livro que preencha cabalmente esse vazio da nossa historia, nos parece de utilidade incontestavel auxiliar o estudo publico com as singellas memorias do tempo, documentss curiosos e inéditos, dispersos por mãos particulares e contingentes, que merecem ser salvos pela impressão, da perda, que muitos outros terão já experimentado, com não pequeno prejuizo da historia patria.

A relação, que agora publicamos, escripta por um contemporaneo angrense em 1511, cujo nome não chegou até nós, forma um pequeno codice em 4.^o portuguez, capa de pergaminho, e letra do tempo. O exemplar que possuímos não mostra ser autographo, mas um apographo, que em 20 de março de 1665 pertencia a Nicolau de Freitas de Figueiredo, segundo se deixa ver d'uma nota final.

A respeito do merito do escripto, contentar-nos-hemos com repetir as palavras autorizadas do sr. Francisco Ferreira Drummond, a paginas 192 do I tomo da sua interessantissima obra *Annacs da Ilha Terceira*, onde diz: — «ainda podemos alcançar (esta relação) conservada pelo respeitavel Mestre Fr. Diogo das Chagas, e... a julgamos exacta, conforme os documentos que temos encontrado....»

Como introduccão á *Relação das coisas que aconteceram na cidade de Angra, ilha Terceira, depois que se perdeu el-rei D. Sebastião em Africa*, é quanto basta dizer.

JOSÉ DE TORRES.

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA. DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

I

Do estado da cidade d'Angra, ao tempo em que se perdeu el-rei de Portugal D. Sebastião.

Depois que o catholico e christianissimo rei de Portugal D. Sebastião se perdeu em Africa, que foi em 4 de agosto do anno de 1578, havia nesta cidade de Angra ilha Terceira muitos varões illustres, e de grandes casas, e cidadões nobres e fidalgos. Esta ilha Terceira é muito rica, pela muita continuação de frotas, de Indias de Castella, de San-Thomé, Brazil, náus da India, galeões da Mina, e de muitas partes, que costumavam sortir no porto e barra desta cidade de Angra. Assim todos os annos vinha armada da cidade de Lisboa a estas ilhas, por causa dos corsarios levantados do reino de França, e de outros reinos, que vinham esperar a estas ilhas os navios de mercadores, que vinham de diversas partes, e naus das Indias, Brazil, e San-Thomé. Outro sim como esta ilha Terceira deu sempre muitos fructos, e muitos generos, de todas as aves e gados, se proviam nesta cidade todas as armadas de todos os mantimentos, e carregando trigo para os Algarves, e ilha da Madeira, levando muitas obras de caixei-

ros o serralheiros, por sempre nesta cidade haver officiaes unicos, e por esta causa estava esta cidade no sobredito anno de 1578 prospera e rica, e assim as mais ilhas debaixo Graciosa, Fayal, Pico e San-Jorge, porque desta se ajudavam; nem ate o dito anno nesta ilha nem nas mais se acordavam nunca haver nellas fome, guerra, nem peste, e esta ilha foi sempre tão abundante e fertil de todos os mantimentos, e é hoje em dia, que por mais armadas e grandes que fossem, e vindo necessitadas de mantimentos eram providas em duas horas, e tudo achavam feito logo em desembarcando no mesmo porto e ribeira ao longo da agua, e muito barato.

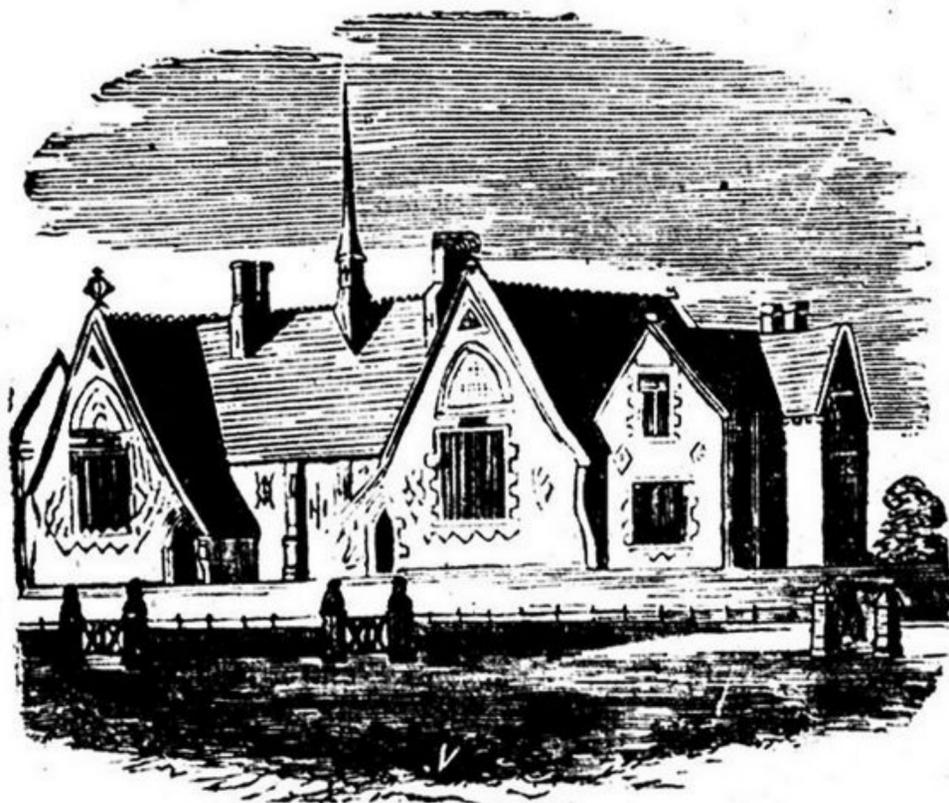
II

Dos que governavam a cidade de Angra, e dos fidalgos e cidadãos que havia.

Neste tempo estava por Bispo nesta cidade de Angra e ilhas dos Açores don Pedro de Castilho, e por Corregedor Ciprião de Figueireto e Vasconcellos. Na Cemara desta cidade serviam no ditto anno de 78 de Juizes ordinarios Bernardo de Tavora e João Dias de Carvalhal; eram vereadores João Lopes Fagundes, Francisco Vaz Chama, Martin Simão de Faria; e Procurador da cidade Pantalião Nogueira. Os

cidadãos nobres e fidalgos, que então serviam e governavam a republica, e a terra, e de grandes casas o que tudo hoje está muito differente, eram André Fernandes de Cea, João Lopes Fagundes, Braz Dias Redovalho, Christovam Borges da Costa, Manuel de Barcellos Macedo. Estevam Ferreira de Mello, Pedro de Castro do Canto, Guilherme Muniz Barreto, Manoel Fernandes de Cea, Antonio Francisco Barreto, Francisco Vaz Chama, Martin Simão de Faria, Diogo de Lemos de Faria, Bernardo de Tavora, Simão Gonçalves de Tavora, João Dias Carvalhal, o Licenciado Roque Dias, o Licenciado Balthazar Alveres Ramires, Ruy Dias de S. Payo, Fernão Vaz Redovalho, Hieronimo Fernandes de Cea, Antonio Pacheco de Lima, João Borges da Silveira, Constantino Macedo, Baltazar Gonçalves de Antona, Arthur de Azevedo de Andrade, Antonio de Ornellas e Gusmão, Thomé Gomes Boto, Fernão Leite, Bartolomea Francisco Pedroso, Estevam Silveira, Pedro Alveres Pereira, Domingos Onzel, João de Bittencourt, Gonzalo Vaz de Souza, Alvaro Luiz de Maiorga, Melchior Rodrigues, Fernão Garcia Jaques, Melchior Vieira, Gaspar das Neves Manuel de Toledo. Era Provedor da Fazenda Duarte Borges, e Feitor d'Elrei Gaspar do Camo de Barros, e outras pessoas nobres que na terra havia.

(Continúa.)



ESCHOLAS DE HEMEL — HEMPSTEAD.

Hemel-Hempstead é uma cidade de Inglaterra no condado ou provincia de Hertford, que tem pouco mais de cinco mil habitantes, e faz muito commercio em cereaes.

O antigo edificio das escolas publicas não tinha proporções para o numero dos alumnos, e por isso os habitantes da cidade e os cavalheiros residentes nos suburbios com auxilio do governo fizeram erigir outro em sitio mais accomodado e salubre e com a fabrica necessaria, aulas espaçosas, e quartos para morada do mestre e da mestra, convenientemente collocados nas extremidades oriental e occidental do edificio e contiguos ás respectivas aulas, que se abriram solemnemente em 13 de novembro do anno pas-

sado. A construcção é de estylo, e custou fora a compra do chão, para cima de duas mil libras esterlinas.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.